



Casa Laura Fonseca - Antigo Sequeiro

Projecto: José Gigante

Colaboração: Ângelo Lopes, M. Fernando Santos, Pedro Barata Castro

Casa Laura Fonseca

“ Como tantos outros objectos saídos da mão do artífice popular, assim a Arquitectura exterioriza o seu ser completo, a florescência da sua personalidade.”

In *Arquitectura Popular em Portugal*, Ed. da Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa 1980 (pag.54)

Na região Norte do país, entre Douro e Minho, sulcam diferentes paisagens pontuadas por vestígios da arquitectura tradicional local. Construções antigas ligadas às tarefas de produção (agrícola) revelam a secular ligação à terra.

Na zona rural de Macieira da Lixa, num pequeno conjunto agrícola já parcialmente desactivado, pretendia-se a reconversão de um sequeiro em habitação para férias e fins-de-semana. Um tipo de abrigo que noutros tempos serviu para guardar e expor à acção do sol e do vento os cereais e grande parte dos frutos da terra, complementando a função da eira que lhe fica contígua.

O seu acesso processa-se através de um estreito caminho que, servido pela estrada principal, define os limites Sul e Poente do terreiro cintado por um muro de pedra solta. Implantado na perpendicular ao lado Norte do terreiro, complementado pela eira, encontrava-se o sequeiro, ainda de pé mas já ameaçando ruína.

A construção era rudimentar. Levantada com base em espessas paredes de alvenaria de pedra, onde se encerrava a sua volumetria, abria-se em estrutura porticada (esteios e lintéis) de granito na sua relação com a eira e com o terreiro, abrindo ainda a Poente mais dois vãos (independentes dessa estrutura) de diferentes dimensões. Na fachada Norte, uma escada de pedra marcava o acesso ao piso superior, desenvolvido à meia altura, aproveitando o desvão da cobertura de telha. Esta, com duas águas, assentava em armação de madeira com travessamento interno e prumos. Os vãos de fachada eram preenchidos com portadas de ripado de madeira que, fixadas com dobradiças cravadas directamente na cantaria, eram sustidas abertas para o interior, permitindo rentabilizar o uso do espaço do sequeiro. Uma laje de betão armado (entretanto executada sobre a já inexistente e original estrutura de soalho) tornava independentes os dois pisos, de pés direitos reduzidos, garantindo em parte a própria sustentação do sequeiro.

A resposta ao programa conduziu à criação de um acrescento ao sequeiro. A nova construção surge da ideia de ter um espaço mais intimista (escritório/quarto) no piso térreo, que fosse facilmente acessível e se tornasse autónomo pela junção de uma instalação sanitária. Era este o desejo da cliente, em parte resultante de problemas de mobilidade já ocorridos no seio da família e que importava prevenir. O restante programa distribuía-se pelos dois pisos do sequeiro: sala de estar/jantar e cozinha em baixo e dois quartos e um quarto de banho no piso superior.

Articulada com o sequeiro através de um pequeno vestibulo, a nova construção descola deste, permitindo leituras temporais separadas, mas que inevitavelmente se tocam pela partilha do mesmo espaço físico. De volumetria pura e cuidadosamente dimensionada, a construção complementar reclama para si um novo protagonismo, não no intento de confrontar o pré-existente, mas de procurar um entendimento entre as suas identidades, agora fundidas no interior da vontade de transformação que anima o projecto. Encerrado nessa volumetria, o seu espaço principal rasga um vão de canto na relação com a área de acesso à casa.

Devo referir, porém, que não acompanhei os contornos da definição arquitectónica deste corpo de ampliação. De facto, quando entrei no processo, ele já se encontrava construído, na sequência de anteriores decisões de projecto que passaram pela “limpeza” e consolidação do sequeiro e pelo adicionamento de um novo volume, aproveitando a mão-de-obra diária disponível de um construtor local. Por isso, as minhas atenções prenderam-se fundamentalmente com a recuperação do sequeiro e com toda a pormenorização a ela ligada.

O projecto ocupou-se dessa transformação procurando um equilíbrio entre o respeito pelo existente e a sua revitalização de acordo com as novas necessidades programáticas. Procurava-se preservar a sua identidade cultural e arquitectónica, não no sentido de reconstituir a construção primitiva, mas no âmbito de um novo contexto onde se redefinia essa mesma identidade.

O espaço interior é ordenado de modo a que as zonas de maior permanência se desenhem numa relação de continuidade e prolongamento entre o interior e o exterior. Pese embora a previsão de uma entrada mais convencional e localizada, o acesso principal ao interior da habitação processa-se, afinal, pela própria eira que, materializada num lajeado de pedra, constitui prolongamento exterior da área de estar, também ela mantendo o pavimento de granito preexistente. Esta assume-se como espaço central na habitação, tanto na sua relação com o terreno envolvente, facultado pela estrutura porticada que o delimita, como na transição para os restantes espaços interiores. Porque é através dele que se procura uma maior cumplicidade com o terreiro, extensível à área de refeições e porque é também a partir dele que se faz o acesso interior ao piso superior (onde se situam as áreas de repouso) por intermédio de uma escada de ferro em caracol. Articulado com o espaço de estar por um desnível (resultante de um rebaixamento do pavimento definido em projecto para obtenção de um maior pé-direito) e constituindo seu prolongamento, encontra-se o espaço de refeições, servido por um armário fixo com balcão de cozinha. Relaciona-se com o exterior a

Poente através do amplo vão preexistente que enquadra o espaço de chegada à casa.

A entrada na habitação independente dos vários compartimentos localiza-se no desencosto entre o preexistente e a nova construção. Processa-se através de um pequeno vestíbulo, iluminado através da própria porta de acesso, ligado directamente a um quarto de banho (iluminado por uma clarabóia) e completado por um armário de apoio. Este vestíbulo promove a transição entre os espaços térreos, nomeadamente entre a sala comum e o escritório/quarto, separando simultaneamente dois momentos distintos de apropriação da casa.

No piso superior situam-se as áreas de repouso, complementadas por um quarto de banho comum e por um vestíbulo que recebe a escada interior de acesso. Central na organização, este providencia a articulação com os restantes espaços habitados. É servido por um armário que integra a passagem para o quarto de banho, de pequena dimensão. Este, situado junto ao beiral do telhado, rompe a cobertura de modo libertar-se da baixa altura disponível, permitindo simultaneamente a abertura de uma janela alta a Nascente disposta em toda a extensão do espaço. Um espelho, colocado por baixo do vão, em toda a sua largura, aumentará a sensação de profundidade do espaço. Os quartos, moldados pelo desvão da cobertura, são individualmente servidos por um armário desenhado à medida da cama, que a ele se encosta.

Para a reconversão do sequeiro, manteve-se a estrutura das paredes de pedra existentes, procedendo-se à sua consolidação, base a partir da qual os novos espaços ganharam definição. No interior, redefiniu-se a estrutura do piso elevado e da cobertura a partir de um novo sistema misto de perfis de ferro e madeira, complementado por divisórias aligeiradas de gesso cartonado na compartimentação dos espaços, e por forras e isolamento térmico nas paredes e na cobertura. O desenho da cobertura procura repor o primitivo, tanto na sua volumetria, como no redesenho dos beirais, à excepção do volume correspondente ao quarto de banho que, emergindo do telhado, será revestido a chapa de zinco.

O novo soalho de Pinho Americano percorre os pavimentos dos espaços da casa, em contraste com a madeira escura de Sucupira que desenha os restantes elementos: rodapés, armários, portas interiores e caixilharias exteriores.

A redefinição do sentido formal dos vãos surgiu da resposta às novas exigências funcionais e de conforto dos espaços.

Enquanto os espaços comuns, na vontade de comunicar com o exterior, privilegiam grandes planos de vidro, os mais privados escondem-se por detrás de aberturas de menor dimensão, parcialmente integra-

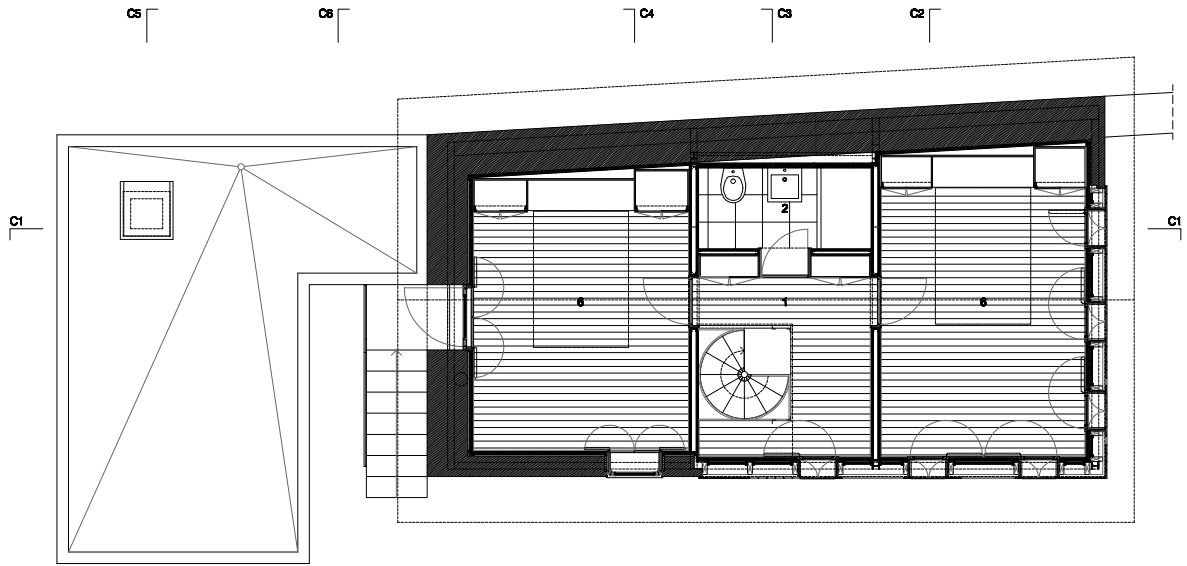
das no novo reguado de madeira que, sugerido pelo remate original da “empena” Sul, passará a revestir exteriormente o piso superior na área de fachada anteriormente ocupada pelo antigo porticado de pedra.

Este trabalho, no seu processo ainda inacabado, trouxe para a minha aprendizagem a descoberta de novas dimensões no acto de projectar: nas visitas à obra, nas discussões sobre as situações surgidas no local, no relacionamento directo com os vários intervenientes na obra (a cliente e os agentes das várias “artes” da construção).

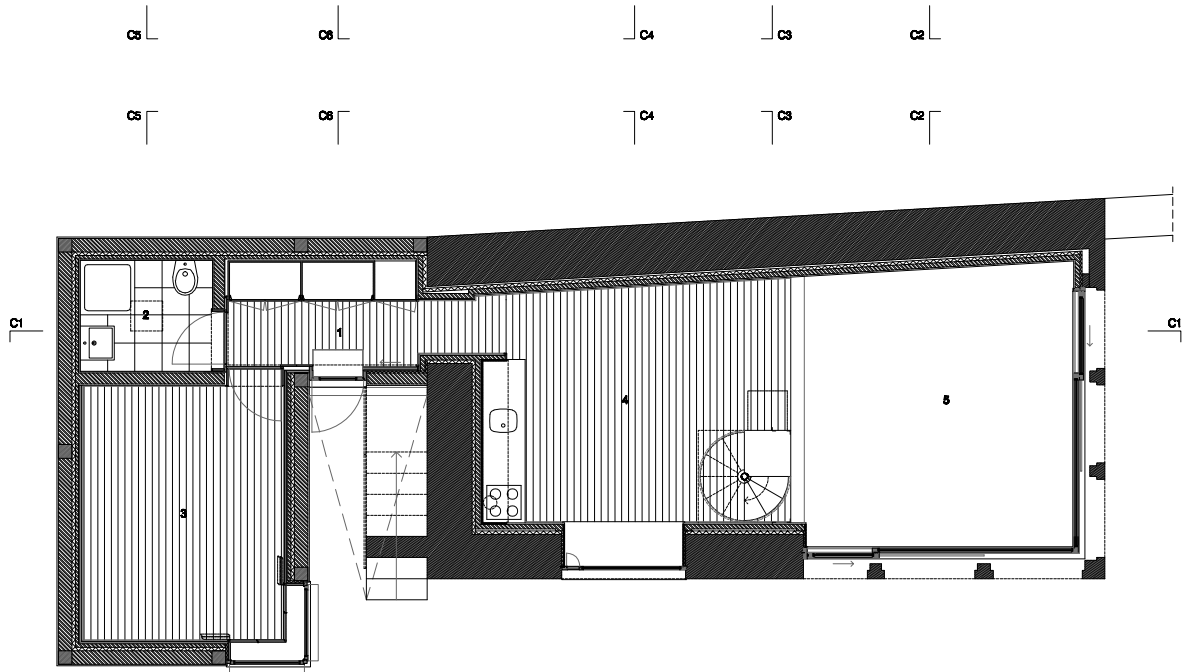
O projecto em si não se constitui como um processo fechado. A obra, como natural prolongamento, permite a sua reflexão de uma forma operante, obrigando-o muitas vezes a adaptar-se às suas necessidades – estimulando também o surgimento de novos contornos na leitura dos espaços e do modo de os materializar. A concepção do projecto foi evoluindo assim, em muitos aspectos, na sua relação dialéctica com o desenvolvimento da obra.

Dessa aproximação (à obra), fica uma aprendizagem decorrente da interacção com as várias “artes” que a integram, passando por aspectos como o modo de execução dos trabalhos, as discussões circunstanciais sobre situações surgidas no local e a avaliação de soluções alternativas no interior do projecto.

Experiência nova foi também a participação nas reuniões com a cliente, acompanhando de forma activa os modos de interacção com a mesma, o que se tornou fundamental para a compreensão do quadro real em que se movimenta o processo projectual.



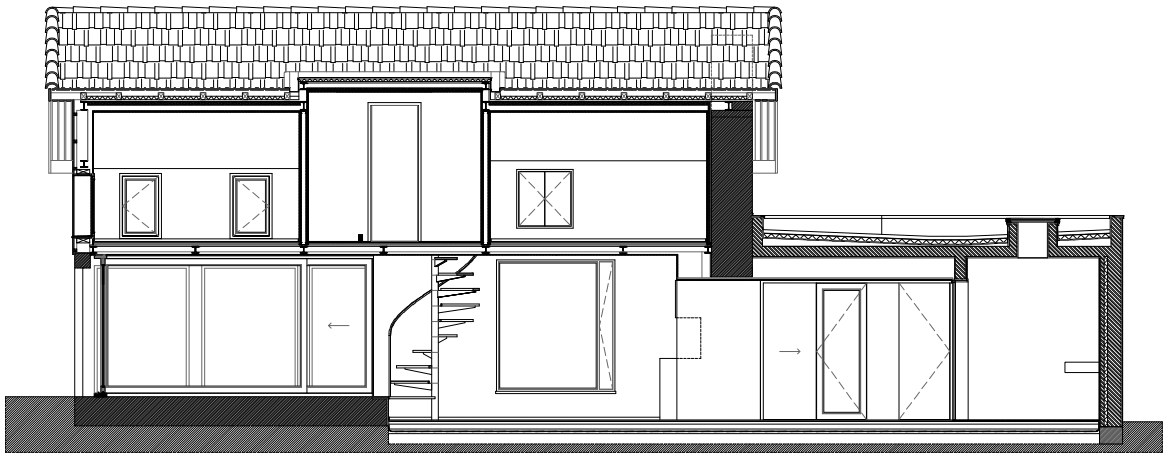
PLANTA PISO 1



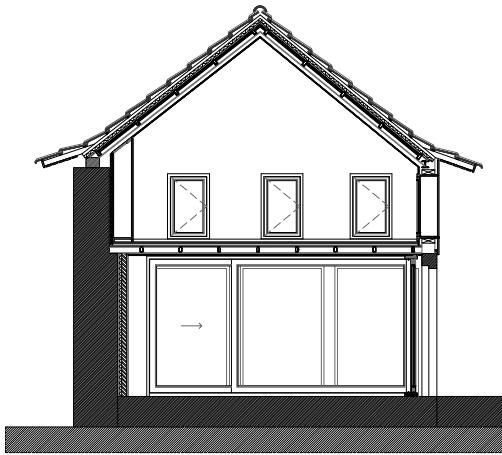
PLANTA PISO 0



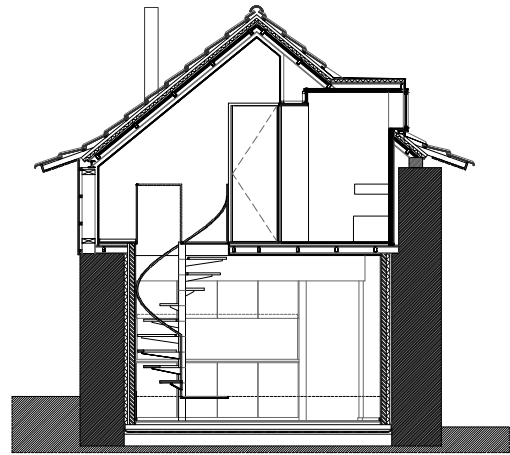
1-VESTIBULO 2-QUARTO DE BANHO 3-ESCRITORIO/QUARTO 4- 5-SALA COMUM 6-QUARTO



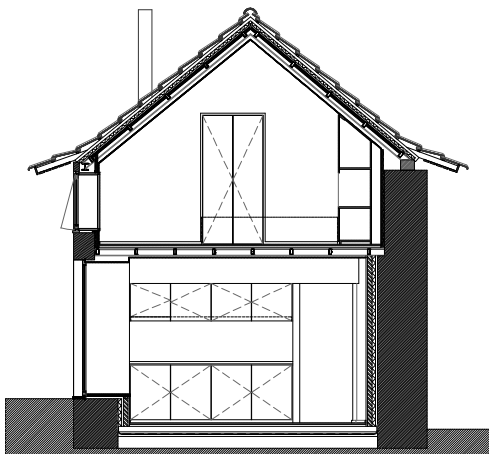
CORTE C1



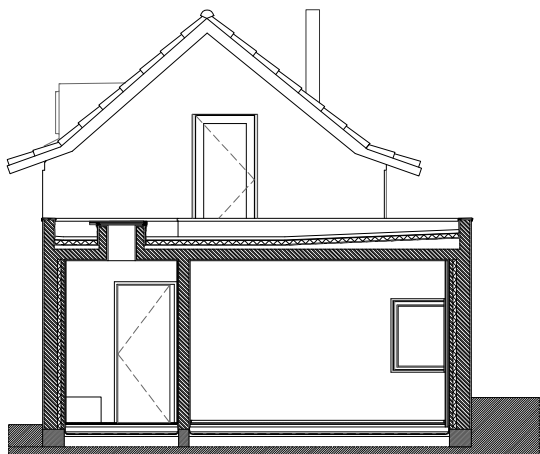
CORTE C2



CORTE C3

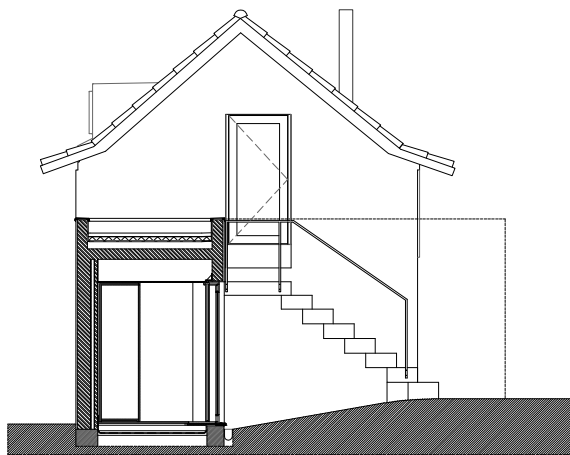


CORTE C4



CORTE C5

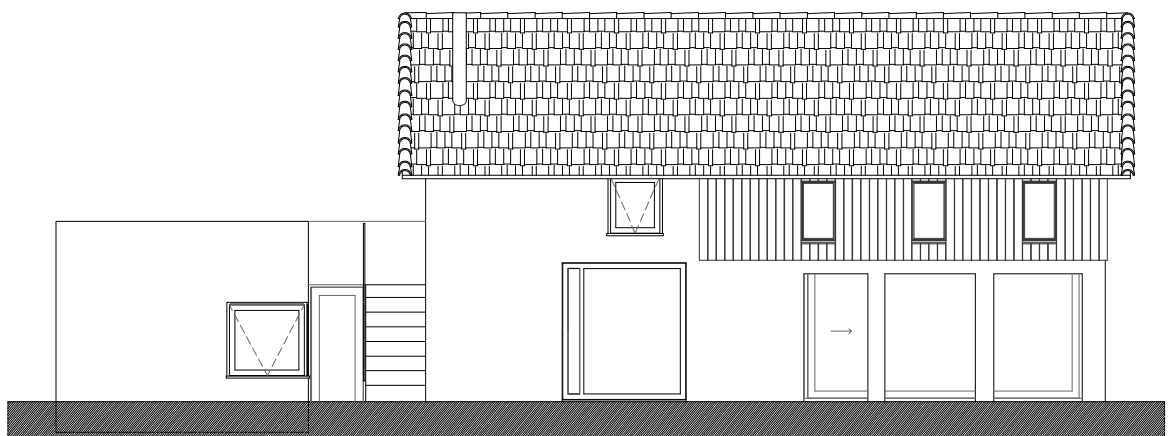




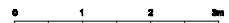
CORTE C6



ALÇADO SUL



ALÇADO POENTE





80



Evolução da obra





Projecto: José Gigante
Colaboração: Ângelo Lopes

Casa Henrique Costa

Trata-se da remodelação de um apartamento situado na rua Dr. Henrique de Miranda, no Porto. Procurava-se uma resposta ao projecto num curto espaço de tempo e com custos controlados. Devolver à habitação espaços onde fosse possível um viver prático e confortável foi a razão da proposta, que, à partida, não parecia especialmente complexa.

Era a oportunidade de trabalhar um programa simples, numa obra de pequena escala, mais contida e condicionada, enquadrado num tipo de trabalho estimulado pelo escritório como forma dos colaboradores poderem abordar simultaneamente vários exercícios de diferentes escalas. E, neste caso, foi a primeira abertura para acompanhar o processo no seu todo, desde a génese do projecto até à própria execução da obra. O programa encontrava-se definido à partida, uma vez que se tratava da remodelação de um apartamento para uma família já constituída e relativamente estabilizada: uma habitação com três quartos, sala comum, cozinha ampla preparada para pequenas refeições (complementada por uma lavandaria) e ainda um escritório. No entanto, a característica configuração do espaço disponível convidava a uma solução arquitectónica baseada numa significativa redefinição do modelo preexistente.

Procurava-se dar amplitude aos espaços comuns e mobilidade funcional ao seu todo, proporcionando uma maior versatilidade no uso da habitação, numa tentativa de reanimação da própria identidade da casa.

A solução passou, em primeiro lugar, pela anulação do espaço da pequena “saleta” situada entre a sala e a cozinha preexistentes, permitindo ganhar dimensão na sala comum – uma decisão que demorou a fixar, uma vez que os proprietários faziam questão de manter um espaço complementar que servisse de escritório.

O modo de resolver tal problema passou pela criação de uma ampla antecâmara na zona dos quartos, aí proporcionando as condições para o seu funcionamento como espaço informal de escritório partilhado por todos os utentes da casa. De certa forma, este acabou por ser um pretexto para reordenar de modo radical a área de acesso aos quartos, substituindo o antigo e sinuoso corredor por um único espaço central. E, obviamente, acabou por ser também o pretexto para redesenhar a configuração dos quartos e a disposição das instalações sanitárias, procurando dar coerência formal à sua articulação.

A luz ganha particular importância no projecto, na forma como “desenha” os espaços. A deliberada transparência do vestibulo de entrada na articulação entre a sala e o vestibulo/escritório traz vida ao interior da habitação. Os espaços, antes fragmentados, ganharam fluidez e clareza na sua definição, prolongando-se as áreas comuns para o exterior na relação com o amplo terraço situado nas traseiras do apartamento.

A partir daí, e até porque se tratava de uma recuperação, o Projecto de

Execução incidiu particularmente na pormenorização dos novos elementos, num processo nem sempre linear, marcado pela permanente aferição dos contornos da solução no seu todo. Desenharam-se as portas, os armários, os rodapés e remates diversos das carpintarias; escolheram-se os perfis das caixilharias de alumínio e dimensionaram-se as suas folhas, fixas e móveis, acertando os remates periféricos; modularam-se os móveis de cozinha com base num modelo “standard” consensualmente adoptado; posicionaram-se os equipamentos de série nos mesmos; distribuíram-se os pontos de iluminação ambiente; definiram-se os revestimentos de pavimentos e paredes - tudo enquadrado na procura uma certa unidade e identidade espacial.

As poucas referências que tinha até aí vinham da escola, em particular das aulas de Construção. Contudo, as várias discussões no âmbito da equipa de trabalho, com colegas mais experientes, melhorou a minha percepção do trabalho, ajudando-me a ultrapassar as hesitações e incertezas iniciais. E a permanente e obrigatória referência à execução real da obra acabou por contribuir para um maior domínio das situações, pelas exigências naturalmente afectas a toda a pormenorização construtiva.

O processo da obra foi entusiasmante. Obrigou, de modo insistente, a pequenas adaptações, situação recorrente neste tipo de intervenção, que acabaram por se revelar compensadoras na forma como se constituíram em mais valias do projecto.

Entregue a um único empreiteiro, a obra decorreu de modo relativamente pacífico, moldando-se às expectativas e necessidades programáticas, num processo nem sempre alheio a controvérsias mas onde as sempre renovadas cumplicidades entre o arquitecto e o cliente foram capazes de ir construindo o equilíbrio inerente ao cumprimento dos desígnios do projecto.



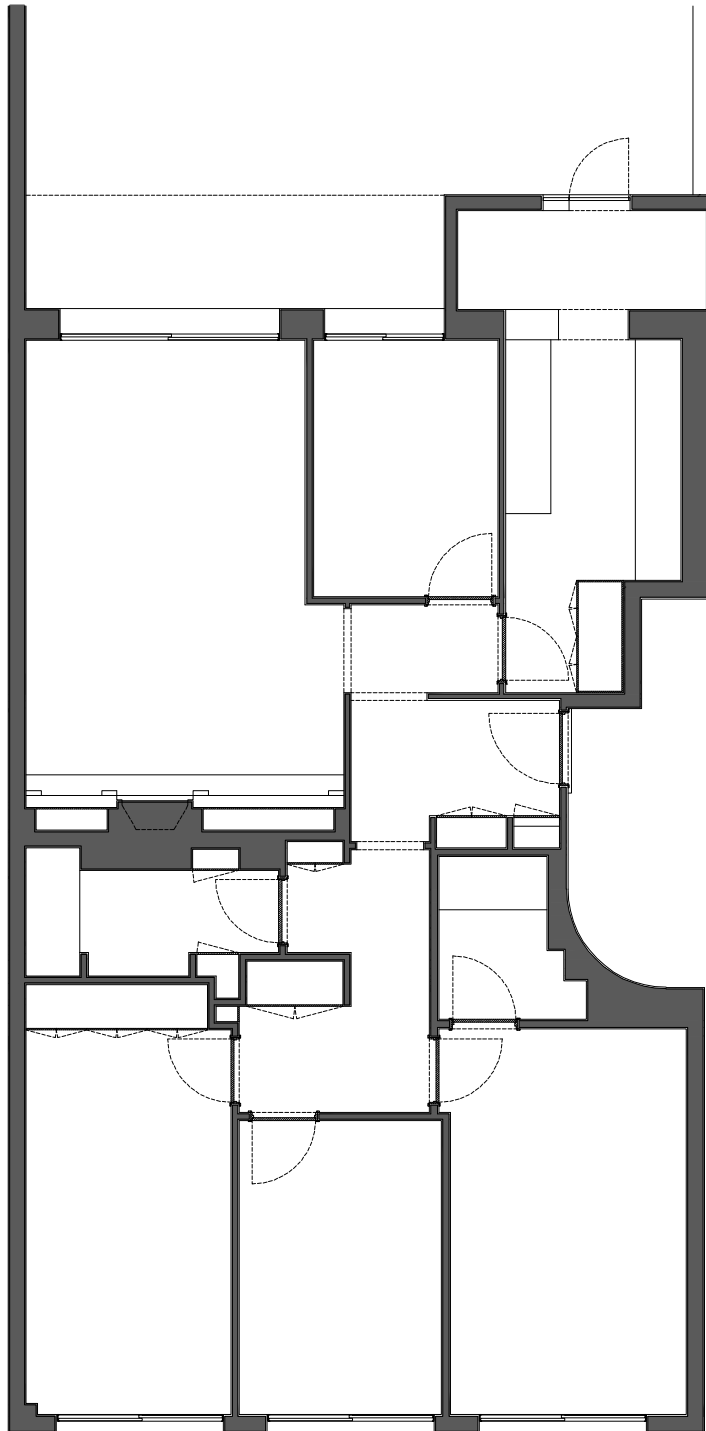
Vista do escritório para a sala



A sala

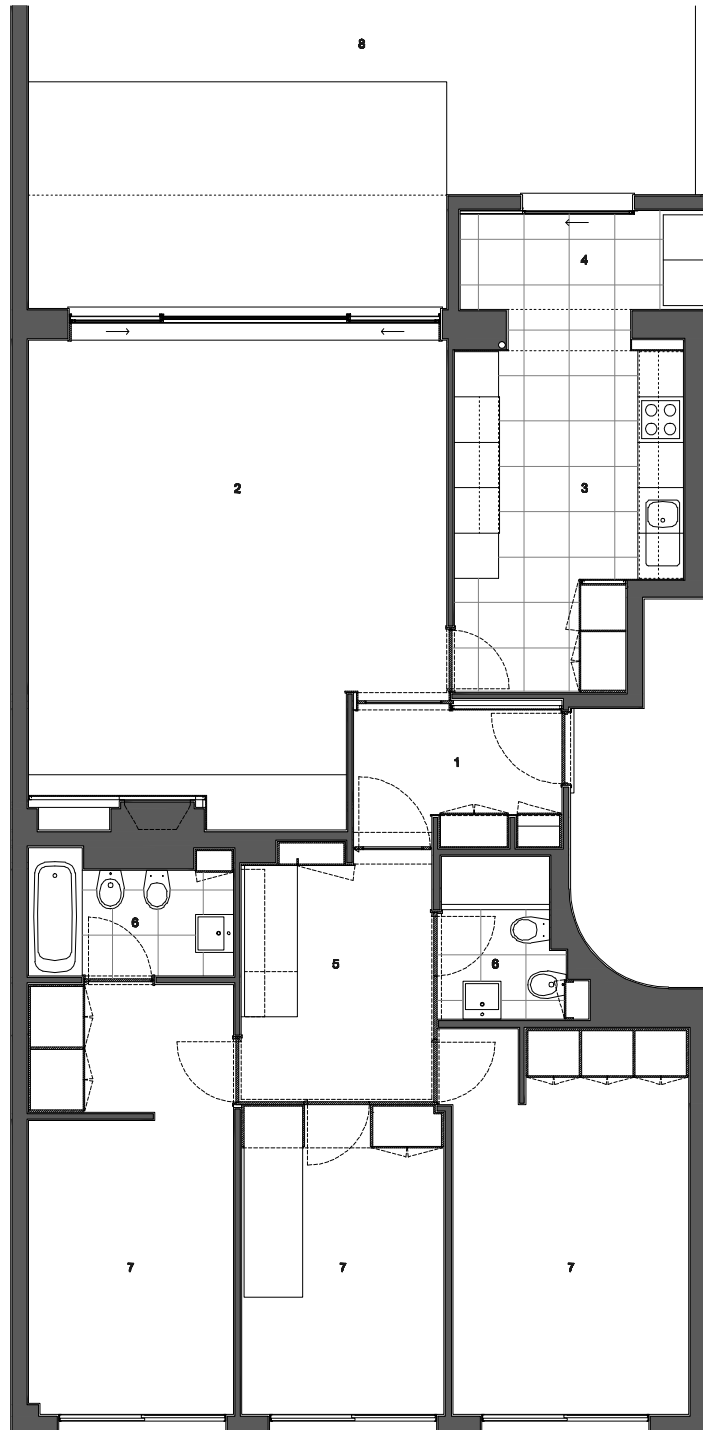


Vista do terraço para a sala



PLANTA DO EXISTENTE - PISO 0

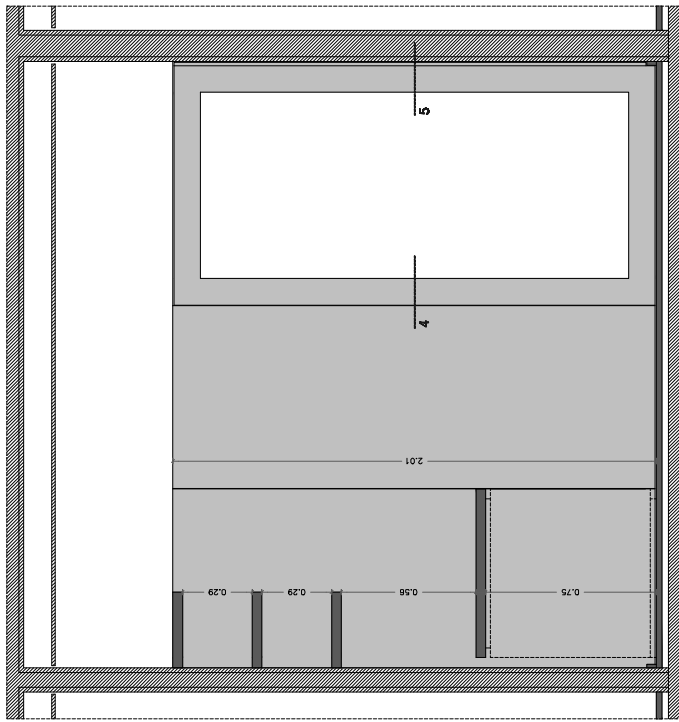




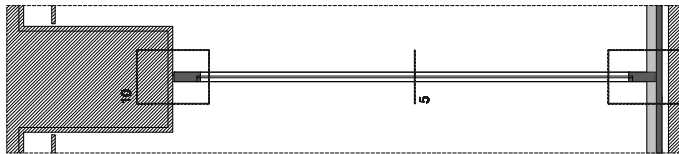
PLANTA DO PISO 0



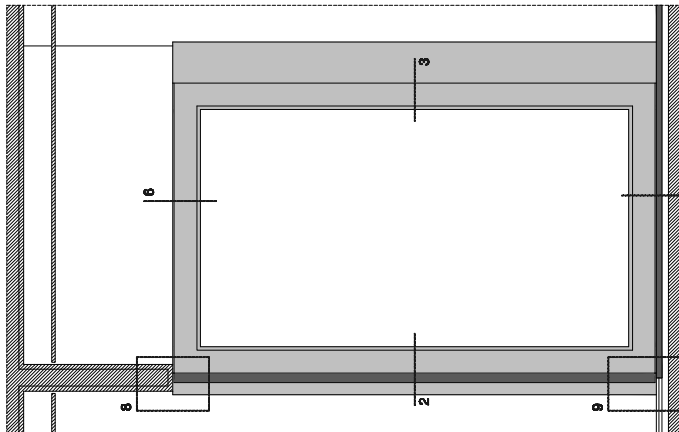
1-VESTIBULO 2-SALA COMUM 3-COZINHA 4-LAVANDARIA 5-ESCRITORIO 6-QUARTO DE BANHO 7-QUARTO 8-TERRAÇO



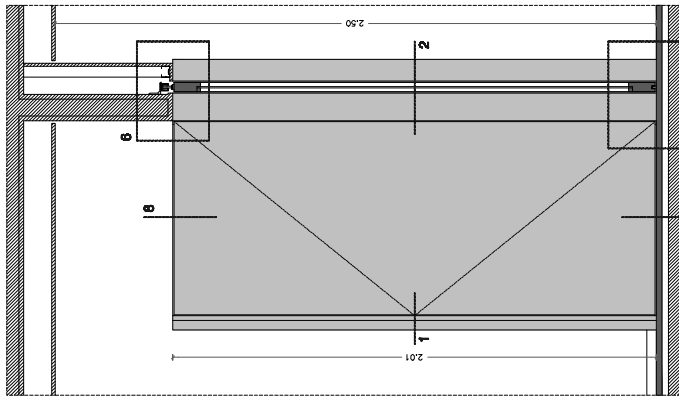
ALÇADO
PORTA P2



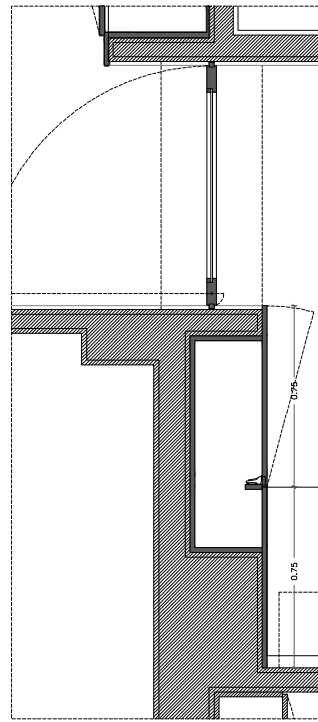
CORTE 11
PORTA P2



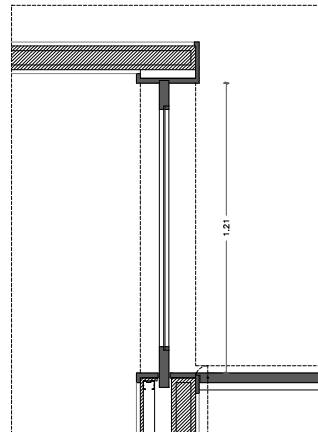
ALÇADO
PORTA P1



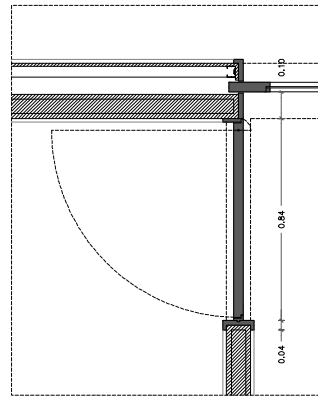
ALÇADO
PORTA P3



PLANTA
PORTA P2



PLANTA
PORTA P1



PLANTA
PORTA P3

